

# ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE AUTOCONCEITO ARTÍSTICO PARA ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO

Joana Pipa<sup>1</sup>

Francisco Peixoto<sup>2</sup>

ISPA – Instituto Universitário / U.I.P.C.D.E.

## Resumo

O presente estudo reflecte os resultados obtidos na adaptação da escala de autoconceito artístico para adolescentes de Vispoel (1993). Partimos de uma abordagem que define o autoconceito como um constructo multidimensional, sendo um reflexo das várias facetas da vida dos sujeitos, que tanto os identifica como os diferencia. Assim, torna-se pertinente o desenvolvimento de instrumentos de medida para dimensões específicas do autoconceito, nomeadamente no que respeita à componente artística, traduzindo a existência de uma percepção artística integrada na estrutura do autoconceito. Deste modo, o objectivo do presente estudo foi adaptar a escala de autoconceito artístico de Vispoel (1993) para aplicação com adolescentes portugueses. Responderam à escala de autoconceito artístico 226 sujeitos do 10º e 11º anos, representando um universo escolar diversificado que contemplou estudantes de música, dança, artes visuais e do ensino regular. A escala de autoconceito artístico de Vispoel é constituída por 40 itens agrupados em 4 dimensões: Música, Artes Visuais, Dança e Representação. Os dados foram analisados do ponto de vista da validade interna, com o recurso a análises factoriais exploratórias e confirmatórias, e da fidedignidade, através da análise da consistência interna. A análise factorial exploratória revelou resultados satisfatórios tendo-se agrupado claramente os itens nas 4 dimensões sugeridas: música, dança, artes visuais e representação. A totalidade dos factores explica 62,92% da variância total. Os resultados da consistência interna revelaram igualmente uma fiabilidade bastante satisfatória (entre  $\alpha=.93$  e  $\alpha=.94$ ). Foi posteriormente realizada uma análise factorial confirmatória, contemplando os dados de 203 alunos. O modelo testado revelou um ajustamento aceitável.

## INTRODUÇÃO

O autoconceito é um construto hipotético, que é muitas vezes considerado como variável mediadora, facilitadora da consecução de outros produtos como sejam um bom rendimento académico, um bom desempenho desportivo ou uma boa adaptação profissional. Como construto hipotético, importa que a sua caracterização e utilidade seja avaliada através de investigações que incidam sobre a validade de construto

---

<sup>1</sup> jpipa@ispa.pt

<sup>2</sup> fpeixoto@ispa.pt

(Marsh, 1993, 1997). Apesar da importância do estudo acerca das propriedades estruturais do autoconceito, este tipo de investigações são relativamente recentes. Com efeito, até à década de 80 a maioria da investigação realizada baseava-se em concepções globais do autoconceito, com a maior parte das revisões de literatura referindo quer a falta de modelos teóricos que sustentassem os instrumentos de recolha de dados utilizados quer a falta de estudos que se preocupassem com a estrutura do autoconceito (Burns, 1979; Marsh, 1989, 1993; Oosterwegel & Oppenheimer, 1993; Shavelson, Hubner & Stanton, 1976; Wylie, 1979, 1989).

Uma maior ênfase nas características estruturais do autoconceito é dada a partir do artigo publicado por Shavelson, Hubner e Stanton (1976). Estes autores, a partir da revisão de literatura sobre o autoconceito e da análise dos instrumentos de avaliação existentes, propõem um modelo que assume, entre outras características, que o autoconceito “(...) reflecte um sistema de categorias adoptado por um sujeito e/ou partilhado por grupos”, que “ as facetas do autoconceito devem formar uma hierarquia, desde as experiências individuais numa situação específica na base da hierarquia até ao autoconceito geral no topo” e ainda “com o aumento da idade e da experiência (...) o autoconceito torna-se cada vez mais diferenciado.” (Shavelson, *et al.*, 1976, p. 412). Estas definições traduzem o carácter multidimensional e hierárquico de organização do autoconceito. Muita da investigação acerca das características estruturais do autoconceito teve por base o trabalho de Shavelson e colaboradores (1976), tentando confirmar as propriedades atribuídas a este constructo.

Mais recentemente, Byrne (1996) afirma terem sido feitas, nas últimas décadas, diversos avanços nas medidas do autoconceito. Especificamente, deu-se primazia no desenvolvimento de escalas que avaliam os múltiplos domínios do autoconceito, bem como na construção de instrumentos adequados a domínios específicos do *self*, de que é exemplo o *Arts Self-Perception Inventory* (ASPI), de Vispoel (1993).

Até ao surgimento do ASPI, os poucos instrumentos existentes apenas agregavam uma ou duas áreas relacionadas com o domínio artístico (Marsh, 1990). Ainda assim, Marsh (1990), pretendeu sensibilizar através dos seus resultados que o autoconceito académico apresenta um número de áreas mais vasto (e.g., geografia, informática; educação física e arte), pelo que não seria viável inferir sobre o autoconceito nestas áreas através dos estabelecidos autoconceito verbal e matemático. O autor concluiu ainda que, nomeadamente, o autoconceito artístico se apresenta como um factor distinto dos autoconceitos verbal e matemático (Marsh, 1990).

Na sequência dos contributos de Marsh (1990) Vispoel (1993) propôs a validação do *Arts Self-Perception Inventory*, enquanto medida que permitiria o acesso aos quatro maiores domínios artísticos: música, artes, dança e drama. O interesse do autor consistia em que cada subescala do ASPI medisse a percepção de competência sentida pelo sujeito em cada domínio, em detrimento de avaliações de interesse ou apreciação sobre as actividades artísticas (Vispoel, 1993). A escala foi primeiramente construída com 240 itens (60 por cada domínio), tendo sido revisto por peritos em investigação e por dois sujeitos especializados em cada área artística abordada. Desta revisão, de acordo com a clareza e relevância de conteúdo dos itens, resultou uma escala de 88 itens (22 itens por subescala).

Na validação da escala participaram 205 estudantes do 7º ano, provenientes de duas escolas secundárias. Os participantes responderam a esta primeira versão da escala ASPI, a uma escala multidimensional do autoconceito e ainda a algumas questões sobre informação demográfica e passado escolar e do interesse em participar em actividades artísticas para avaliar a validade de critério do instrumento (Vispoel, 1993).

As análises efectuadas através do recurso a análises factoriais exploratória e confirmatória, bem como ao cálculo do *alpha de Cronbach* e à correlação inter-factores, revelaram uma validade satisfatória do ASPI, demonstrando que este acede a quatro dimensões artísticas distintas (Vispoel, 1993). Estes resultados permitiram verificar que esta escala de autoconceito artístico é um instrumento fiável para medir as percepções que os sujeitos realizam sobre as suas competências nos quatro maiores domínios artísticos (Vispoel, 1993)

O instrumento, segundo Vispoel (1993) poderá ser útil para educadores, clínicos e investigadores que pretendam aceder a estas dimensões do autoconceito que não se encontram nos restantes instrumentos de medida deste constructo. O mesmo possibilita a avaliação das mudanças ocorridas no desenvolvimento do autoconceito artístico, identificando as áreas onde os níveis de percepção são menores, de forma a possibilitar uma intervenção (Vispoel, 1993).

Posteriormente, Vispoel (1995) e Marsh e Roche (1996) recorreram à utilização do ASPI e de uma escala multidimensional de autoconceito, no sentido de integrar as componentes artísticas na estrutura do autoconceito, bem como compreender mais aprofundadamente a natureza do constructo. Vispoel (1995) propôs a existência de um factor de primeira ordem relativo ao autoconceito artístico, em paralelo com as outras facetas específicas académicas e não académicas, considerando que estes factores

estariam claramente definidos e modestamente correlacionados. A par disto, o autor considerou a existência de um factor artístico de segunda ordem para explicar a relação entre os factores artísticos de primeira ordem (Vispoel, 1995).

Através da realização de uma análise factorial confirmatória, Vispoel (1995) verificou a existência de um domínio artístico no autoconceito, integrando-o no modelo de 1976, sendo que as auto-percepções na dança, na música, nas artes visuais e nas artes dramáticas se apresentam como factores de segunda ordem integradas no autoconceito artístico e diferenciadas dos outros factores académicos e não académicos. Ainda assim, os resultados demonstram que cada uma destas dimensões se diferencia entre si, pelo que não se deverá inferir os resultados numa dada dimensão para outra dimensão, como igualmente não deveremos inferir sobre o autoconceito artístico global através de uma dimensão em particular (Vispoel, 1995).

Também Marsh e Roche (1996) administraram o ASPI e uma escala de autoconceito, alargando o estudo de Vispoel (1995). Os autores pretenderam, igualmente, conceder validade ao constructo comparando respostas de estudantes do ensino artístico e de estudantes do ensino regular (Marsh & Roche, 1996). Os resultados deste estudo vieram corroborar os de Vispoel (1995), demonstrando a adequabilidade do ASPI para avaliar a percepção nos domínios artísticos (Marsh & Roche, 1996).

Desta forma, atendendo à importância atribuída à construção de medidas específicas de autoconceito (Marsh 1990, Marsh, Hey, Roche & Perry, 1997; Vispoel, 1993, 1995), traçámos como objectivo a adaptação, para um grupo de adolescentes portugueses, do ASPI, recorrendo a análises factoriais exploratórias e confirmatórias e ainda à análise da consistência interna dos factores, de acordo com o reconhecimento da adequabilidade destas medidas para conceder validade ao constructo (Byrne, 1996; Marsh & Roche, 1996; Vispoel, 1993, 1995).

## **MÉTODOS**

### *Participantes*

Fizeram parte deste estudo 226 sujeitos do 10º e 11º anos de escolaridade, provenientes de quatro escolas da região de Lisboa. Da totalidade dos sujeitos, 108 frequentavam uma escola de ensino regular e 118 frequentavam escolas artísticas. Concretamente, 80 constituíam o grupo de alunos de uma escola de artes visuais, 20 frequentavam o ensino da música e 18 estavam inscritos numa escola de dança. Dos 226

sujeitos, 82 alunos (36,3%) eram do sexo masculino e 144 do sexo feminino (63,7%). Ainda, os estudantes tinham idades compreendidas entre os 15 e 23 anos ( $M= 16,53$ ).

#### *Caracterização da Escala de Autoconceito Artístico*

A escala original de autoconceito artístico com 40 itens – *Arts Self-Perception Inventory* – de Vispoel (1993), pretende aceder à percepção de competência artística dos jovens nos quatro maiores domínios relacionados com as artes: música, dança, artes e drama.

A análise à validade e à fiabilidade do instrumento realizada por Vispoel (1993) demonstrou resultados bastante satisfatórios. A análise factorial efectuada revelou a existência de 4 factores, com 10 itens agrupados por cada um destes, de acordo com esperado por Vispoel (1993). Por outro lado, a análise à consistência interna com *alphas de Cronbach* de .92, remete para uma boa fiabilidade do instrumento.

Para a adaptação do ASPI para a população portuguesa foi, em primeiro lugar, realizada uma tradução do inglês para o português. Seguidamente, foram realizadas 6 entrevistas com jovens do ensino secundário, aplicando-se o instrumento individualmente para verificar a compreensão do significado de cada item. Foi possível verificar, através deste procedimento, que se deveria proceder à reformulação de alguns itens. As modificações prenderam-se com a dificuldade de compreensão dos termos “artes” e “drama”, dado que o primeiro conceito remetia para todo o tipo de artes e o segundo, pela compreensão dos jovens, remetia para uma área mais restrita da representação. Assim, o domínio das “artes” foi reformulado para “artes visuais” e o do “drama” passou a denominar-se “representação”.

No que se refere ao formato dos itens, é pedido aos sujeitos que assinalem a opção que melhor os reflecte na percepção de competência nos quatro domínios artísticos (Figura 1). A escala apresenta uma dimensão de resposta de 6 pontos, variando em “1-falso” e “6 - Verdadeiro”. A cotação dos itens é feita de 1 a 6, sendo que 1 indica baixa competência percebida e 6 indica alta competência percebida.

As quatro dimensões podem ser descritas da seguinte maneira:

*Música* – esta subescala pretende avaliar a confiança, a auto-percepção de habilidade e de talento no domínio musical através dos itens 1, 5, 9, 13, 17, 21, 25, 29, 33 e 37.

*Artes Visuais* – este domínio visa avaliar a auto-percepção de habilidade artística, de talento, da capacidade de desempenho, e do potencial de carreira relativamente às artes visuais. (Itens 2, 6, 10, 14, 18, 22, 26, 30, 34 e 38).

*Dança* – neste domínio estão presentes itens relacionados com a habilidade, talento, desempenho e potencial de carreira, ao nível da dança, através dos itens **3, 7, 11, 15, 19, 23, 27, 31, 35 e 39**.

*Representação* – Esta dimensão avalia a auto-percepção de habilidade, de talento, de desempenho e de potencial de carreira na representação. (Itens **4, 8, 12, 16, 20, 24, 28, 32, 36 e 40**).

Figura 1 - Exemplo de um item da escala de autoconceito artístico

	Falso	Maioritaria mente Falso	Mais Falso que Verdadeiro	Mais Verdadeiro que Falso	Maioritaria mente Verdadeiro	Verdadeiro
As pessoas gostam de me ouvir a tocar ou a cantar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

#### *Procedimento*

A escala de autoconceito artístico foi aplicada conjuntamente com outro instrumento de avaliação do autoconceito e da auto-estima e com uma grelha de recolha de dados biográficos, dado que esta investigação se inseria num estudo mais alargado.

Os dados foram recolhidos no decorrer do 2º e 3º períodos escolares, em ambiente de sala-de-aula, numa única sessão com uma duração de, sensivelmente, 40 minutos. A ordem da administração dos instrumentos foi contrabalançada. Foi ainda garantida a confidencialidade das respostas dadas.

## **RESULTADOS**

Para a adaptação da escala de autoconceito artístico foram efectuadas análises à validade e à fiabilidade do instrumento, através de análises factoriais exploratória e confirmatória, bem como através da análise à consistência interna (*alpha de Cronbach*).

Foram submetidos à análise factorial exploratória os 40 itens da escala, utilizando-se a extracção através das componentes principais e com rotação ortogonal (*varimax*). Os resultados remetem para a existência de 4 factores (Quadro 1) que explicam 62,92% da variabilidade total.

No quadro 1 podemos observar os itens agrupados pelos factores, os níveis de saturação de cada item no respectivo factor e, ainda, o valor próprio e a percentagem de variância explicada por cada factor.

Quadro 1 - Resultados da Análise Factorial após rotação ortogonal, para 40 itens (saturação  $\geq 0.40$ ), para a escala de autoconceito artístico.

Itens	Factor I	Factor II	Factor III	Factor IV
Aca_40	.825			
Aca_20	-.809			
Aca_24	.805			
Aca_32	.790			
Aca_36	-.785			
Aca_8	.750			
Aca_12	-.744			
Aca_28	-.738			
Aca_4	-.531			
Aca_30		-.875		
Aca_22		-.835		
Aca_26		.824		
Aca_10		.821		
Aca_38		-.796		
Aca_14		-.778		
Aca_6		-.778		
Aca_34		.760		
Aca_18		.726		
Aca_2		.607		
Aca_19			-.857	
Aca_3			-.848	
Aca_35			-.840	
Aca_39			.781	
Aca_11			-.749	
Aca_27			-.746	
Aca_23			.729	
Aca_15			.718	
Aca_31			.712	
Aca_7			.644	
Aca_29				.819
Aca_17				.804
Aca_9				.781
Aca_33				.766
Aca_21				-.751
Aca_25				.743
Aca_37				-.690
Aca_5				-.649
Aca_1				.647
Aca_13				-.619
Valor Próprio	11.798	5.929	3.923	3.517
Variância Explicada	29.494	14.822	9.807	8.792

No primeiro factor estão agrupados os itens da dimensão da representação, explicando 29.49% da variância. O segundo factor agrupa os itens da subescala artes visuais, apresentando uma variância de 14.82%. No terceiro factor agrupam-se os itens

do domínio da dança, com 9.8% da variância total. Explicando uma variância de 8.79% apresenta-se o quarto factor, agrupando os itens referentes ao domínio da música. Os níveis de saturação dos itens apresentam valores satisfatórios, variando entre .53 e .88.

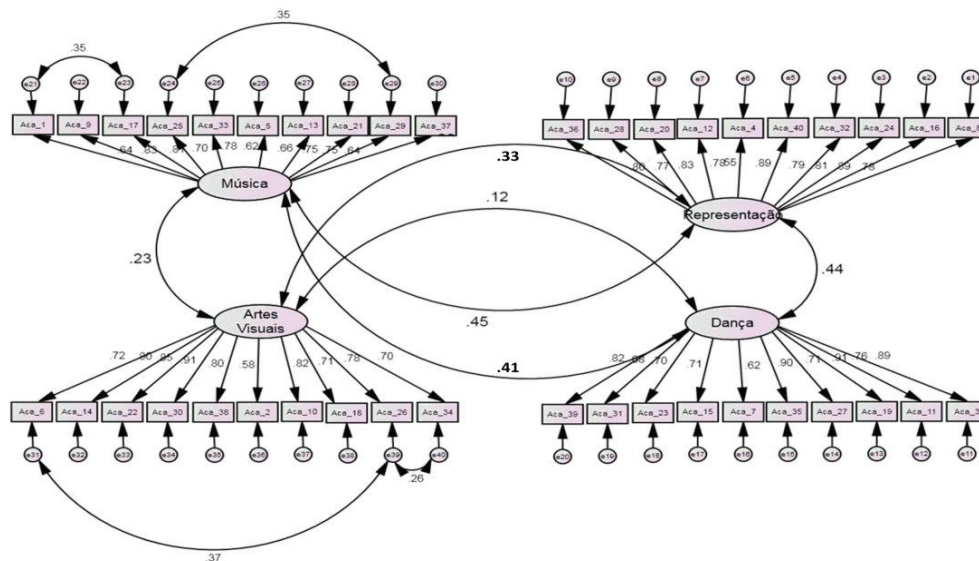
Foi, igualmente, avaliada a consistência interna das quatro subescalas artísticas. Tratando-se de domínios distintos, não existe por isso um valor global de validade interna. Os *alphas de Cronbach* para as dimensões da representação, das artes visuais, da dança e da música foram respectivamente .94, .93, .93 e .94 (Quadro 2). Podemos verificar que estes valores são bastante satisfatórios.

Quadro 2 - Consistência interna da escala de autoconceito artístico

Escala de Autoconceito Artístico	Alpha de Cronbach
Representação	$\alpha = .941$
Artes Visuais	$\alpha = .934$
Dança	$\alpha = .932$
Música	$\alpha = .941$

Posteriormente, a validade factorial da escala de autoconceito artístico foi estudada por meio de uma análise factorial confirmatória (Figura 2). O modelo quadri-factorial ajustado a uma amostra de 203 participantes revelou uma qualidade de ajustamento aceitável [ $\chi^2/df = 1.845$ ; CFI=.899; REMSEA= .065]. Pode ainda verificar-se, através da figura 2, que os pesos factoriais de cada item ao factor correspondente são bastante elevados [min= .58, max= .91;  $\lambda \geq .5$ ]. Podemos, igualmente, verificar que as correlações entre os factores apresentam valores fracos a moderados [min= .12, max= .45].

Figura 2 - Modelo factorial da escala de autoconceito artístico



## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos demonstraram que a escala de autoconceito artístico adaptada permite aceder aos quatro maiores domínios artísticos: música, artes visuais, dança e representação. A análise factorial efectuada revelou a existência clara de quatro factores específicos do autoconceito artístico, que replicam na totalidade a estrutura previamente proposta. Estes resultados obtidos no grupo representativo da população portuguesa estão em conformidade com a estrutura factorial encontrada por Vispoel (1993, 1995) e por Marsh e Roche (1996).

O modelo factorial encontrado revelou, igualmente, uma qualidade de ajustamento satisfatória, suportando empiricamente o modelo teórico suposto inicialmente. Foi constatada a existência de quatro factores agrupando os itens correspondentes, bem como se verificou a clara diferenciação destas dimensões pelas moderadas correlações entre estas, indicando que as dimensões artísticas são diferenciáveis entre si, não se devendo aferir um valor artístico global a partir destas dimensões (Vispoel, 1993, 1995; Marsh & Roche, 1996).

No que concerne à consistência interna das várias dimensões, foi possível verificar que o instrumento revelou uma fidelidade bastante satisfatória, com resultados semelhantes aos encontrados por Vispoel (1993) na validação do seu instrumento.

Foi nossa preocupação utilizar metodologias sugeridas para a validação de instrumentos de medida do autoconceito, bem como optámos por avaliar o constructo isoladamente, em detrimento de o avaliar na relação com outros constructos dado que, tal como afirma Byrne (1996), os estudos sobre o autoconceito ainda sofrem de algumas fragilidades na operacionalização do constructo, resultando, posteriormente, em concepções teóricas inadequadas.

Os resultados por nós encontrados parecem enquadrar-se na concepção da importância do desenvolvimento de instrumentos de medida de dimensões específicas do autoconceito (Marsh 1990, Marsh, *et al.*, 1997; Vispoel, 1993, 1995), atendendo ao facto de o autoconceito reflectir tantas facetas quantos os domínios da vida dos sujeitos. Ainda, este estudo tomou como quadro de referência as características do autoconceito definidas por Shavelson *et al.*, (1976), nomeadamente a da multidimensionalidade do constructo, tornando-se plausível assumir que o autoconceito reflecte um sistema de categorias apropriado pelos sujeitos, sendo uma destas categorias o autoconceito artístico.

Em suma, parece-nos ter sido justificada a existência de uma faceta artística do autoconceito, adequada à população em estudo, levando-nos a concluir que é adequado considerar-se a existência dos domínios da música, da dança, das artes visuais e da representação, pelo menos nesta faixa etária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Burns, R. B., (1979). *The self concept in theory, measurement, development and behaviour*. New York: Longman Group.
- Byrne, B. (1996). *Measuring self-concept across life span: Issue and instrumentation*. Washington: American Psychological Association.
- Marsh, H. W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: preadolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, 81, 417-430.
- Marsh, H. (1990). The structure of academic self-concept: The Marsh/Shavelson model. *Journal of Educational Psychology*, 82, 623-636.
- Marsh, H. (1993). Academic self-concept: Theory, measurement and research. In J. Suls (Ed.), *Psychological perspectives on the self: The self in social perspective* (Vol. 4, pp. 59-98). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Marsh, H. W. (1997). The measurement of physical self-concept: A construct validation approach. In K. R. Fox (Ed.), *The physical self: From motivation to well-being* (pp.27-58). Leeds: Human Kinetics.
- Marsh, H., Barnes, J., Cairns, L., & Tidman, M. (1984). Self-description questionnaire: Age and sex effects in the structure and level of self-concept for preadolescent children. *Journal of Educational Psychology*, 76(5), 940-965.
- Marsh, H., & Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In B. Bracken (Ed.) *Handbook of self-concept: Developmental, social, and clinical considerations* (pp. 38-90). New York: John Wiley & Sons
- Marsh, H., Hey, J., Roche, L., & Perry, C. (1997). Structure of physical self-concept: Elite athletes and physical education students. *Journal of Educational Psychology*, 89(2), 369-380
- Marsh, H., & Roche, L. (1996). Structure of artistic self-concepts for performing arts and non-performing arts students in a performing arts high school: Setting the stage with multigroup confirmatory factor analysis. *Journal of Educational Psychology*, 88 (3), 461-477.
- Oosterwegel, A., & Oppenheimer, L. (1993). *Developmental changes between and within self-concepts*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- Shavelson, R., Hubner, J., & Stanton, G. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretation. *Review of Educational Research*, 46 (3), 407-441.
- Vispoel, W. (1993). The development and validation of the arts self-perception inventory for adolescents. *Educational and Psychological Measurement*, 53, 1023-1033.
- Vispoel, W. (1995). Self concept in artistic domains: An extension of the Shavelson, Hubner, and Stanton (1976) model. *Journal of Educational Psychology*, 87 (1), 134-153.
- Wylie, R. C. (1979). *The self-concept (vol. 2): Theory and research on selected topics*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Wylie, R. C. (1989). *Measures of self-concept*. Lincoln: University of Nebraska Press